

Sociedade em Tumulto

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* DA  
DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA  
PELA UNIVERSIDADE DE LISBOA (21 DE JANEIRO DE 2009)**

LAVDATIO de Raul Miguel Rosado Fernandes

Magnífico Reitor, Senhores Reitores, Antigos Reitores membros do Conselho de Reitores Portugueses, Senhores Professores e Caros Colegas, Caros Alunas e Alunos, Minhas Senhoras e Meus senhores.

Um dos grandes prazeres que tenho ao vir apresentar ao claustro da minha universidade a Doutora M. H. da Rocha Pereira, é o poder desprender-me dos grilhões de uma sociedade altamente tecnocrática como é esta em que vivemos, para poder aludir a um humanismo que em Portugal foi sistematicamente e multissecularmente repudiado, o



qual sem ignorar o progresso técnico tenta fazê-lo coincidir com o progresso moral, ou se quiserdes deixar de lado essa palavra “moral”, por já cheirar a bafio, dizem os que pensam ser “modernos”, com o progresso ético. Não é de facto possível atingir altos níveis civilizacionais, sem que a prática do humanismo e da história do Ocidente estejam presentes, o que não impede alargarmos os horizontes e conhecer hoje a história da pitoresca “aldeia global”, com todos os defeitos e qualidades aldeãs, cujos resultados já começaram a manifestar os seus efeitos negativos e positivos.

Como poderemos explicar então o NASCIMENTO dos estudos humanísticos em Portugal, porque de renascimento não podemos falar, visto que verdadeiramente nunca os houve em escala comparável com países ocidentais mais avançados, e nem sequer os Portugueses Homero tiveram para o assassinar, como aponta ironicamente David Hanson, humanista americano, no livro em que consagra os grandes helenistas como Milman Parry, ou E. R. Dodds e outros, e assinala em contrapartida todos os que, com métodos anacrónicos e pós-modernos, assassinaram Homero? No caso português com grandes dúvidas bem podemos perguntar *Who killed Homer?*. Porquê? Simplesmente porque ele não existiu se não em pedaços. Qualquer tecnocrata com ar chocarreiro poder-me-á perguntar se por ironia do destino hoje o podemos matar. Terei de responder que hoje em verdade já o podemos matar, embora o tempo de ter atingido a idade adulta se tenha de ir procurar umas décadas atrás. E andemos para trás no tempo.

Em 1956, estava eu a licenciar-me, quando vi nos escaparates um livro já robusto, mas modesto, intitulado *HÉLADE*, da autoria de M.H. da Rocha Pereira. Fiquei siderado, quando vi que uma professora de Coimbra tinha tido a audácia de dar em tradução uma grande antologia de poesia e prosa gregas, que pouco tempo depois foi seguida por uma antologia ROMANA, com a razão de dar leitura disponível aos seus alunos de Cultura Clássica, a mesma que em Lisboa seria ministrada pelo inesquecível Jesuíta Padre Manuel Antunes. Sabia eu que a Doutora Rocha Pereira, já nos rescaldos da guerra de 45, tinha frequentado as aulas em Oxford, de grandes Mestres, como o imbatível irlandês E. R. Dodds, homem de vistas largas sobre a antiguidade grega e suas ligações com o mundo ocidental, o Prof. Beazley, que a iniciou no estudo dos vasos gregos, julgo que um dos Fraenkel, ou Hermann ou Eduard, um de dois classicistas judeus refugiados, e para não alongar a lista, o admirável R. Pfeiffer, de Munique, católico, mas casado com uma Judia. A estes juntavam-se bastantes mais, mas só Dodds tem para mim a

maleabilidade de espírito que o fazia fugir da interpretação literal dos textos escritos pelos Gregos, para o estudo dos seus reflexos na vida humana intemporal.

Em Coimbra a Doutora Rocha Pereira começou, com disciplina espartana, a formar discípulos e ao mesmo tempo a entusiasamá-los pelos textos homéricos, pela prosa histórica e científica, pela poesia monódica e coral, pela comédia antiga, até à comédia nova que mais não é do que o resultado da censura dos políticos que pela “antiga” se viram censurados, e continuou com um sem fim de publicações, que acabaram por fugir à antologia e refugiar-se na REPÚBLICA de Platão, obra de grandes dimensões e enorme importância, certamente não pelo amor que o filósofo dedica aos poetas.

Só que uma grande bibliografia não chega para definir a sua carreira. Considero, sem receio de exagerar, que o seu esforço contra a enorme muralha da ignorância portuguesa se concentrou em arregimentar (cá estou com Esparta outra vez) um grupo de jovens classicistas entusiastas e grandes trabalhadores, que acabaram, na época do tratado de paz com Lisboa, por tempo ilimitado, por fazer crescer os trabalhos clássicos, primeiramente por gosto e profissionalismo, por fim, porque notaram que sem eles não iam as grandes obras tecnológicas além do tijolo e do betão.

Para quê, perguntar-me-ão? Para que os artífices sejam mais inteligentes e cultos, e descubram finalmente que tudo o que se faz é para o homem e pelo homem.

Na génese desta metamorfose está uma grande Mulher, M. Helena da Rocha Pereira, que nos ilude com o seu ar modesto e os seus gostos um pouco estóicos: foi ela que comandou os primeiros obreiros, foi ela que nos facilitou uma relação saudável com Coimbra, e é ela um precioso repositório ateniense de saber clássico, grego e romano, a quem pode recorrer quem o desejar conhecer, porque terá sempre o mesmo correcto acolhimento que eu tive, aos 27 anos, no turbulento 1962, quanto lhe pedi esclarecimentos na sua casa do Porto, sobre os pontos de Grego que me tinha marcado. Foi então que a descobri, e é agora que para ela peço o reconhecimento da minha Universidade que muito lhe deve: a universidade e o país.

Magnífico Reitor  
Prezados Colegas  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Quis a Universidade de Lisboa distinguir o meu trabalho concedendo-me o título de doutor *honoris causa*. É, da parte desta grande instituição de ensino, uma generosidade que agradeço desvanecida, tanto mais que ela vem consolidar os laços de cooperação e bom entendimento que puderam estabelecer-se, nos últimos decénios, entre a vossa secção de Estudos Clássicos e aquela a que eu mesma pertença.

Mas há um outro aspecto da questão que não quero deixar de realçar: é que, se a parte principal da minha preparação académica, após a licenciatura conimbricense, foi adquirida na *alma mater Oxoniensis*, também devo muito, na área da Filologia Portuguesa, aos grandes mestres do passado da Faculdade de Letras de Lisboa, utilizando, quando estudante em Coimbra, os compêndios e edições de Epifânio Dias, Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, José Joaquim Nunes. E mais tarde, no árduo percurso inicial da minha carreira universitária, foi nalguns dos maiores nomes da secção de Românicas que encontrei estímulo para os meus trabalhos. Lembro com especial saudade os nomes de algumas das figuras que também foram a glória desta casa: Hernâni Cidade, Jacinto do Prado Coelho, Vitorino Nemésio, Lindley Cintra. Não posso esquecer que dois destes mestres – Jacinto do Prado Coelho e Vitorino Nemésio – para além de me honrarem, como os outros, com a oferta dos seus livros, acederam a fazer parte dos júris de concurso a que me apresentei, possibilitando assim a realização de provas académicas em prazos razoáveis e nos termos legais.

Mas mais importante ainda é o muito que pude aprender através das obras de todos eles. E aqui quero salientar em especial quanto devo – devemos todos os que alguma vez trabalhámos nessa área – aos estudos camonianos de Hernâni Cidade ou às investigações pessoais de Jacinto do Prado Coelho, que ainda hoje, no meio de centenas de ensaios e edições sobre o poeta dos heterónimos, ocupam um lugar cimeiro.

Outros grandes nomes ilustraram outras secções – e aqui não posso deixar de mencionar, limitando-me aos que já não estão entre nós – figuras tutelares como Orlando Ribeiro e Borges de Macedo. Entretanto surgiram novas gerações de estudiosos, e é com muito prazer, e mesmo com algum desvanecimento, por laborarmos numa causa comum, que tenho acompanhado o percurso dos elementos do departamento de

Estudos Clássicos, muitos dos quais já com nome feito, apoiado em trabalhos notáveis.

Para terminar estas breves palavras, peço licença para regressar, por momentos, a Leite de Vasconcelos, de cujo nascimento se estão a comemorar os cento e cinquenta anos. Sucede que foi esse extraordinário polígrafo quem, em Novembro de 1911, pronunciou, na Faculdade de Letras de Lisboa, a lição inaugural do primeiro ano de Língua e Literatura Latina, cuja regência lhe tinha sido confiada – lição essa que no mesmo ano foi publicada com o significativo título “Da importância do Latim”. Aí se fala das “vantagens que, maiormente para nós, Portugueses, resultam do conhecimento da língua de Cícero, ao mesmo tempo tão majestosa e tão disciplinada”, da extensão do Império Romano, da formação do romance, da literatura latina, da presença romana no nosso território, da continuidade do uso da língua no que ele designa por “literatura latino-nacional” (que inclui autores medievais e renascentistas) e “da necessidade do conhecimento do Latim que continuará” – prossegue o autor – “a ser imprescindível mantimento do intelecto, como componente da cultura geral”. Mas talvez o mais interessante seja a frase final, onde se lê:

“E bem haja o Governo, que, entendendo, e com razão, que o policiamento do espírito é o principal esteio das aspirações democráticas, reformou a pública instrução, com o que outorgou novos títulos de nobreza à Filologia Clássica”.

Desnecessário será sublinhar quanto gostaríamos de a poder aplicar, sem ironia, mas com verdade, ao nosso contexto sócio-político actual. E dizer também que reconheço com alegria que a Universidade que acaba de me conferir a honra de me receber entre os seus doutores continua a saber cultivar com apreço as Ciências Humanas e a dar-lhes o lugar que merecem entre as áreas do saber.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA